

SOBRE AS POSSES DE CATIVOS E O MERCADO DE ESCRAVOS EM CASTRO (1824-1835): PERSPECTIVAS A PARTIR DA ANÁLISE DE LISTAS NOMINATIVAS

Carlos A. M. Lima¹

Resumo:

A evolução do contingente escravo nas áreas que atualmente constituem o Paraná ainda necessita de muitos esclarecimentos. Houve forte processo de crescimento daquele contingente entre os anos finais do século XVIII e meados do seguinte. Posteriormente, parece ter havido um certo estancamento, o qual não necessitou esperar pelo avanço do tráfico interprovincial, tendo a população escrava local permanecido renitentemente na casa dos dez mil cativos, excluída a década de 1880. Essa capacidade da população cativa na direção de crescer quase continuamente ao longo da primeira metade do século XIX indica a necessidade de conhecer melhor os mecanismos através dos quais os proprietários da área provisionavam-se em cativos. Os trabalhos disponíveis parecem conter implícita a noção de que a reprodução natural de uma população escrava eminentemente crioula e portanto com alta proporção de crianças e distribuição entre os sexos próxima do equilíbrio deve ter sido responsável por isso. Neste trabalho, no entanto, levantam-se informações capazes de alterar essa imagem no que toca a meados dos anos 1830, e esse pode ter sido um intervalo de transformações fortes na oferta de africanos em função das mudanças que então se verificavam no tráfico de escravos africanos. Para isso, trabalha-se aqui com dados de listas nominativas da área de Castro entre 1824 e 1835, área esta que, além de fortemente expansiva por conta de sua pecuária, concentrava as maiores escravarias do que hoje é o Paraná.

Palavras-chave: escravidão – tráfico de escravos – economia e sociedade na década de 1830 – população escrava

A evolução do contingente escravo nas áreas que atualmente constituem o Paraná ainda necessita de muitos esclarecimentos. Houve forte processo de crescimento daquele contingente entre os anos finais do século XVIII e meados do seguinte. Posteriormente, parece ter havido um certo estancamento, o qual não necessitou esperar pelo avanço do tráfico interprovincial da década de 1870, tendo a população escrava local permanecido renitentemente na casa dos dez mil cativos, excluída a década de 1880. Essa capacidade da população cativa na direção de crescer quase continuamente ao longo da primeira metade do século XIX indica a necessidade de conhecer melhor os mecanismos através dos quais os proprietários escravistas da área provisionavam-se em cativos. Os trabalhos disponíveis parecem conter implícita a noção de que a reprodução natural de uma população escrava eminentemente crioula e portanto com alta proporção de crianças e distribuição entre os sexos próxima do equilíbrio deve ter sido responsável por isso. Neste trabalho, no entanto, levantam-se informações capazes

¹ Doutor em História Social pelo IFCS/UFRJ; professor adjunto do Departamento de História da UFPR.

de alterar essa imagem no que toca aos intervalos posteriores a 1830, que pode ter sido instante de transformações fortes na oferta de africanos em função das mudanças que então se verificavam no tráfico atlântico de escravos. Para isso, trabalha-se aqui com dados de listas nominativas da área de Castro entre 1824 e 1835, localidade que, além de fortemente expansiva por conta de sua pecuária, concentrava as maiores escravarias do que hoje é o Paraná.

Vem se tornando mais urgente do que já era observar a evolução da estrutura de posse de escravos na década de 1830. A primeira proibição do tráfico pode ter deslanchado efeitos sobre os padrões inscritos na propriedade de cativos. Por um lado, é sabido que os mecanismos que introduziam africanos no território do Império sofreram modificações, com um provável crescimento da importância de portos que até então não tinham papel significativo no tráfico de escravos². À medida que se sabe que os mecanismos de comercialização de africanos eram regulados por práticas que instituíam a preeminência do capital mercantil³, as novidades da década de 1830 podem ter mudado as condições de obtenção de força de trabalho em áreas desligadas dos principais circuitos escravistas obtinham força de trabalho. Até então vigia um esquema em que o fornecimento de escravos passava por cadeias de crédito e de endividamento, o que quase certamente representava alguma forma de constrangimento do ponto de vista dos produtores agrários na ponta final do processo, ou seja, em áreas como Castro. Isso atuava com força ainda maior à medida que aumentava a distância dos portos brasileiros de desembarque de africanos, o que provavelmente se refletia em seus preços.

No entanto, se, após 1830, portos mais próximos àquelas áreas desligadas do principal do escravismo ganharam um novo papel, é de se perguntar:

- a) se os mecanismos de fornecimento de cativos africanos passaram a ser, em parte ao menos, controlados localmente, reduzindo-se os constrangimentos derivados do

² Ver a respeito CONRAD, Robert. **Tumbeiros**. São Paulo: Brasiliense, 1985, pp. 90ss. Especificamente em relação ao Paraná, veja-se WESTPHALEN, Cecília Maria. A introdução de escravos novos no litoral paranaense. In: **Revista de História**. v. XLIV, ano XXIII, n. 89, janeiro-março/1972. Mais amplamente, é decisivo ler BETHELL, Leslie. **A abolição do tráfico de escravos no Brasil**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1976.

³ FLORENTINO, Manolo G. **Em costas negras**. São Paulo: Cia. das Letras, 1997; FRAGOSO, João. **Homens de grossa aventura**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992; FRAGOSO e FLORENTINO. **O arcaísmo como projeto**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993.

- predomínio monopolista do capital mercantil e afetando positivamente as perspectivas de posse de escravos africanos por parte de senhores locais⁴; e
- b) se isso teve efeitos visíveis sobre os padrões inscritos na posse de cativos crioulos, já que, caso tenha mudado o mercado de africanos, o de crioulos (mais caros, mas com preços que eram regulados pelos de africanos, por serem por estes mantidos baixos) também deve ter dado sinais de maior abertura.

Como se verá, neste trabalho não se avaliam nem os mecanismos da oferta de escravos, nem seus preços, mas antes dados que permitem observar as dimensões e o perfil das propriedades escravas quanto a questões que possam iluminar o problema do acesso a africanos e crioulos. O que tal tipo de informação permitirá avaliar é se os processos descritos acima, caso efetivos, tiveram o efeito de alargar as posses locais e, em caso positivo, que sentidos teve aquele alargamento.

Houve, no entanto, processos de sentido inverso na mesma década de 1830. A primeira proibição do tráfico de escravos, apesar de freqüentemente pensada como feita “para inglês ver”, pode ser tratada de um modo diferente, a partir do que já se estudou a seu respeito. No agregado, o intervalo 1831-1850 foi de aumento dos desembarques de cativos no Brasil. Mas as *flutuações* do volume das chegadas cresceram muito, tendo mesmo passado a obedecer, ao que tudo indica, às oscilações da capacidade da corte, vale dizer, do estado imperial, no sentido de impor a proibição. Os desembarques de africanos (e por esta via, os mecanismos de aprovisionamento de escravos), assim, passaram a guardar alguma relação com os movimentos de centralização e descentralização política que operaram no entrecho. O tráfico ilegal, apesar de muitíssimo volumoso, foi efetivamente experimentado como ilegal, o que pode ter tido impactos sobre os preços dos cativos. Há indícios de que estes passaram a sofrer flutuações muito fortes, atingindo por vezes valores astronômicos em comparação com o que se verificava antes de 1830⁵. Segundo as estimativas de Herbert Klein e David

⁴ É de se levar em conta que, se bem é possível que comerciantes de portos como o de Paranaguá tenham passado a encaminhar seus próprios negócios negreiros a partir de 1831, também há indícios de que o faziam em associação, cujo grau de subordinação ainda não se conhece, com negociantes de grosso trato do Rio de Janeiro.

⁵ Ver, por exemplo, LIMA, Carlos A. M. Escravos artesãos: preços e família (1789-1839). In: **Estudos Econômicos**. São Paulo, v. 30, nº 3, 2000, pp. 447-484. Eulália Lobo sugeriu há muito tempo que este crescimento dos preços de escravos viria a ganhar força ainda mais estupenda na década de 1840. Vide LOBO, Eulália M. L. Evolução dos preços e do padrão de vida na cidade do Rio de Janeiro, 1820-1930. In: **Revista Brasileira de Economia**. v. 25, n. 4, 1971. Ver também, em acordo a essa percepção, ELTIS. **Economic growth and the ending of the transatlantic slave trade**. New York/Oxford: Oxford U. P., 1987, p. 263.

Eltis, e comparando o intervalo 1826-1830 com o seguinte (1831-1835), teria havido uma queda de quase dois terços no volume de africanos importados para o Brasil entre o primeiro e o segundo período. No quinquênio seguinte (1836-1840), o movimento das importações de escravos do Velho Mundo teria atingido níveis próximos aos de 1826-1830⁶. No entanto, mesmo em se confirmando isso, esse tipo de oscilação significou, muito provavelmente, a perda de um requisito essencial que até então havia permitido ao tráfico de africanos contribuir para manter baixos os preços do conjunto dos cativos: sua capacidade para responder a aumentos da demanda americana sem que se produzissem pressões do lado da oferta. Ele agora mostrava flutuações que tinham muito pouco a ver com a demanda da América Portuguesa⁷. Isso no que toca ao tráfico para todas as regiões brasileiras. Observando a estimativa de Eltis e Klein tendo em vista apenas os portos ao Sul da Bahia, também houve redução das importações entre os intervalos 1826-1830 e 1831-1835, embora em um ritmo mais moderado, na casa de um quarto.

Talvez se possa resumir essa discussão chamando a atenção para pressões contraditórias que se abatiam sobre as condições de aquisição de escravos no Centro-Sul. No início dos anos 1830, os preços de africanos deviam exacerbar as dificuldades para a aquisição e posse de escravos⁸. Mas o elemento que o motivou – a primeira proibição do tráfico atlântico – criou outras condições, dessa vez favoráveis, para o acesso a africanos – e a partir disso a escravos de um modo geral. Tais condições favoráveis, nesse segundo raciocínio, teriam derivado dos mecanismos de comercialização.

⁶ Cf. ELTIS, David. **Economic growth**. Obra citada, p. 244 e KLEIN, Herbert. Tráfico de escravos. In: FIBGE. **Estatísticas históricas do Brasil**. 2^a ed., Rio de Janeiro, IBGE, 1990, p. 60. Esta periodização concorda em suas grandes linhas com a proposta por BETHELL, Leslie. **A abolição do tráfico**. Obra citada, p. 368.

⁷ Outra coisa é sugerir, o que será feito adiante, que o tráfico adquiriu, ou manteve, relações estreitas com a demanda americana do ponto de vista de sua composição.

⁸ O caráter contraditório dos mecanismos de aquisição de escravos na década de 1830 também pode ser monitorado observando-se os preços. Na década de 1830, os preços pagos por escravos passaram a oscilar muito, em comparação com períodos anteriores e, no caso do Brasil, essas oscilações eram para o alto. Mas há motivos para crer-se que o aumento dos preços no Brasil se fazia acompanhar por reduções na costa da África Centro-Occidental. Sobre isso, vejam-se as estimativas de preços elaboradas por Lovejoy e Richardson (LOVEJOY, Paul e RICHARDSON, David. *British abolition and its impact on slave prices along the Atlantic Coast of Africa, 1783-1850*. In: **The Journal of Economic History**. v. 55, n. 1, março/1995 e LOVEJOY, Paul. **A escravidão na África: uma História de suas transformações**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 219) e por ELTIS. **Economic growth**. Obra citada, p. 263. Conrad encontrou testemunhos de que esse processo era sentido no Brasil. Vide CONRAD. **Tumbeiros**. Obra citada, pp. 97-8.

Além do mais, a conjuntura, assim como se manifestava no que hoje constitui o Paraná, era favorável ao alargamento das posses de escravos. A curva elaborada por Herbert Klein sobre as chegadas de animais em Sorocaba mostra que o ano da primeira metade do século XIX em que mais animais chegaram a Sorocaba vindos do Sul foi exatamente o de 1835⁹.

Este trabalho trata o problema do provisão em escravos de forma indireta, ou seja, utiliza os dados sobre escravos possuídos a fim de verificar, no intervalo entre 1824 e 1835, mudanças nos padrões de posse. A partir disso, investigam-se diversas hipóteses capazes de explicar as alterações verificadas naqueles padrões. Por outro lado, os dados são trabalhados segundo faixas de tamanho das escravarias. Há um problema inscrito nisso: trata de processos de acumulação e, assim, de crescimento das escravarias, de modo que uma pessoa que se achava, em 1824, na faixa de posse de 1 a 2 escravos, deve ter passado, se sobrevivente em 1835, a pertencer a alguma faixa superior. As faixas de tamanho não podem ser absolutizadas em um trabalho como este. Descrever a composição das escravarias de uma faixa de posse em 1824 e 1835 é algo que *não* pode ser lido como se fosse análise das mudanças na composição de cada uma das faixas de tamanho. O objetivo da repartição dos dados por faixas de tamanho é indicar, quanto às mudanças eventualmente verificadas entre uma data e outra, se elas foram mais ou menos frequentes em figuras tão fluidas (mas inevitáveis) quanto as pequenas, médias e grandes escravarias.

Foram feitos alguns ajustes nos dados das listas. Um deles se liga à importante presença de unidades absenteístas nesta área de criação de gado. Sempre que foi possível identificar proprietários que possuísem duas ou mais unidades escravistas em Castro, elas foram reunidas como uma única unidade, a fim de direcionar o foco para a propriedade, e não para a composição dos domicílios. Em segundo lugar, foi preciso eliminar dos dados as referências à área de Guarapuava, já que somente a lista nominativa de 1835 continha dados sobre ela.

A população escrava de Castro aumentou, entre uma data e outra, em cerca de um quarto (26,4%), ao passo que o número de proprietários cresceu a um ritmo bem menor, crescendo-se em 13%¹⁰. Os processos de acumulação em Castro, dessa forma,

⁹ Vide KLEIN, Herbert. A oferta de mueres no Brasil Central: o mercado de Sorocaba, 1825-1880. In: **Estudos econômicos**. v. 19, n. 2, maio-agosto/1989, p. 357

¹⁰ Dados de Elizabeth Alves Pinto apontam para que, no intervalo entre 1801 e 1830, o contingente escravo de Castro aumentou em cerca de 40%. Cf. PINTO. **Vila de Castro: população e domicílios (1801-1830)**. Curitiba: UFPR, 1992 (Tese de Doutorado), p. 226.

foram incrementados entre uma data e outra, e de um modo particularmente intenso, mas principalmente sob a forma de crescimento de unidades já existentes, embora algum incremento no número de proprietários tenha sido verificado. Um dos objetivos do presente trabalho é destringir os mecanismos que levaram a este crescimento das posses escravas iapoenses entre meados da década de 1820 e 1835. É preciso fazê-lo, porque a população escrava local trazia em si mesma possibilidades fortes de aumento, por ter sido marcada por proporção mais que considerável de crianças (os 40% de crianças apontados por Gutiérrez¹¹). Será preciso, portanto, levar em conta este tipo de dado para avaliar a questão proposta inicialmente sobre o acesso ao mercado de africanos. Mas, como se verá, os nascidos no Brasil continuaram a ser majoritários entre os escravos de Castro. No fundo, o argumento central no que se segue vai na direção de apontar especificidades nos mecanismos através dos quais os senhores castrenses lograram expandir suas posses escravas. De fato, ou bem aqueles mecanismos foram específicos, ou bem é preciso alterar algumas concepções que se consideram patrimônio adquirido nas análises da historiografia sobre processos de enraizamento escravista análogos àquele aqui estudado.

Tabela 1: Distribuição dos proprietários e dos escravos por faixas de tamanho das escravarias e tamanhos médio e mediano das escravarias (Castro, 1824 e 1835)

	Distribuição (%) dos proprietários		Distribuição (%) dos escravos	
	1824	1835	1824	1835
1 a 2 esc.	42,2	35,3	9,6	7,1
3 a 4 esc.	19,7	21,4	11,5	10,7
5 a 9 esc.	24,7	25,4	26,8	23,6
10 a 19 esc.	7,6	12,3	16,2	22,0
20 ou + esc.	5,8	5,6	35,9	36,5
Total – n° abs.	223	252	1358	1717
Tamanho médio das escravarias:		Tamanho mediano das escravarias:		
1824 – 6,1		1824 – 3		
1835 – 6,8		1835 – 4		

Fontes: Arquivo do Estado de São Paulo. **Listas de habitantes de Castro, 1824-1835**. Foram consultadas cópias microfilmadas pertencentes ao Departamento de História da UFPR.

Entre 1776 e 1835, o número de escravos em Castro parece ter-se multiplicado por oito, embora possa haver sub-registro na primeira data. Cf. LIMA, Carlos A. M. Sertanejos e pessoas republicanas: livres de cor em Castro e Guaratuba (1801-1835). In: **Estudos Afro-asiáticos**. ano 24, n. 2, 2002.

¹¹ GUTIÉRREZ, Horácio. Demografia escrava numa economia não-exportadora: Paraná, 1800-1830. In: **Estudos econômicos**. 17(2), maio-agosto/1987, pp. 297-314.

O que se vê através da distribuição dos escravos por faixas de tamanho das posses de cativos é uma tendência a que as escravarias com entre 5 e 9, assim como aquelas com 10 a 19 cativos aumentassem sua participação. Diversamente, os plantéis com menos que cinco escravos tiveram redução em sua presença relativa, tendo as grandes propriedades escravas permanecido estacionárias quanto à parcela da população escrava local que logravam reter. Isso já constitui uma pista sobre os mecanismos de crescimento, já que as escravarias mais aptas a crescer endogenamente *não* incrementaram sua participação relativa no conjunto da posse escrava. Pista, portanto, de que podem ter sido as aquisições de escravos no mercado e os processos migratórios aquilo que conduziu a aumentos na posse de cativos em Castro.

Isso conduz a observar logo de uma vez a participação de africanos na população cativa local. A esmagadora maioria crioula conhecida para o Paraná e para outras áreas semelhantes manteve-se entre 1824 e 1835, mas a participação de africanos passou por alterações importantes.

Tabela 2: Número e participação (%) de africanos entre os adultos (15 ou mais anos de idade), segundo as faixas de tamanho das escravarias (Castro, 1824-1835)

Todas as escravarias				
	Nº absoluto de africanos		Participação (%) no contingente com 15 ou + anos	
	1824	1835	1824	1835
1 a 2 esc.	17	25	18,9	29,8
3 a 4 esc.	12	27	13,5	22,7
5 a 9 esc.	25	85	11,2	33,2
10 a 19 esc.	20	57	14,1	23,1
20 ou + esc.	40	110	13,2	29,8
Total	114	304	13,4	28,3

Fontes: As mesmas da tabela 1.

No conjunto, a situação típica no interior de cada faixa de tamanho das escravarias tendeu a mudar na direção de uma maior presença de africanos entre os adultos. De um modo geral, a proporção de africanos entre as pessoas com mais que 14 anos de idade tendeu a dobrar. E tudo isso ocorria com uma população escrava que, lembro, aumentou em um quarto ao longo de onze anos. A maioria crioula era persistente em Castro, mas é muito significativo que a participação africana entre os adultos tenha passado de menos que quinze por cento para mais de um quarto.

Duas faixas de tamanho das escravarias mudaram seu perfil quanto à participação de africanos de um modo particularmente significativo. Na faixa das

maiores escravarias (aquelas com vinte ou mais cativos), a proporção de africanos entre os adultos duplicou. Já a condição da faixa de tamanho de entre 5 e 9 escravos teve uma mudança particularmente súbita. A proporção de africanos entre os adultos quase triplicou entre 1824 e 1835, passando de um africano para cada dez adultos para um em cada três.

Cruzando as informações sobre distribuição da propriedade escrava com aquelas a respeito da participação de africanos entre os adultos, tem-se um quadro significativo. À exceção da faixa de posse de entre 10 e 19 escravos, que passou a concentrar mais escravos que os que detinha antes, todas as faixas de tamanho das escravarias mantiveram, em grandes linhas, sua participação. Além disso, todas elas expandiram a parcela africana de sua população escrava adulta. Transformando-se ou não as condições da oferta proveniente do tráfico de escravos, todos os senhores, mais ou menos ricos, beneficiaram-se dos processos que tornaram a aquisição de africanos mais factível em Castro. Conhecem-se os argumentos no sentido de que a crise da oferta africana concentrou socialmente a posse de escravos no Brasil. Isso já era seguramente conhecido no tocante à segunda metade do século XIX, em função da proibição definitiva das importações de africanos¹². No entanto, persistiam dúvidas a respeito do alcance, quanto a isso, das mudanças operadas pela primeira proibição do tráfico. Agora passamos a saber que, pelo menos em relação a Castro, a expansão da posse diluiu-se pelos proprietários de todas as camadas de riqueza.

Em todo caso, a mudança na direção de uma maior africanidade deve ter alterado o equilíbrio entre os sexos, detectado com segurança por Gutiérrez para o período anterior a 1830. E é isso mesmo o que se nota na tabela 3.

Tabela 3: Razão de masculinidade das escravarias segundo as faixas de tamanho das posses (Castro, 1824-1835)

	Razão de masculinidade de todo o contingente escravo		Razão de masculinidade entre os escravos com mais de 14 anos	
	1824	1835	1824	1835
1 a 2 esc.	79,2	90,6	89,4	95,4
3 a 4 esc.	108,0	109,1	104,7	105,2
5 a 9 esc.	85,7	118,3	86,7	117,0
10 a 19 esc.	122,2	137,7	125,4	154,6
20 ou + esc.	125,5	128,8	141,3	138,1
Total	106,1	122,7	112,3	128,2

Fontes: As mesmas da tabela 1.

¹² O argumento foi expresso com força por LIBBY, Douglas. **Transformação e trabalho em uma economia escravista**. Minas Gerais no século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1988.

A razão de masculinidade aumentou sobretudo no tocante às faixas de posse de 5 a 9 e de 10 a 19 cativos. Como se viu, era exatamente nestas faixas que o crescimento das posses escravas verificado entre 1824 e 1835 tendeu a concentrar-se.

No entanto, o crescimento da taxa de africanidade e da razão de masculinidade não conta toda a história. Houve algumas inversões importantes, segundo o que se nota na tabela 4, elaborada a partir do cálculo da percentagem de aumento, entre 1824 e 1835, de quatro tipos de contingente escravo, a saber, o de homens crioulos, de homens africanos, de mulheres crioulas e de mulheres africanas.

Tabela 4: Crescimento (%) dos contingentes africano e crioulo, por sexo e faixa de tamanho das escravarias (Castro, 1824-1835)

	% do aumento do nº de homens		% do aumento do nº de mulheres	
	Crioulos	Africanos	Crioulas	Africanas
1 a 2 esc.	-2,3	15,4	-21,5	85,7
3 a 4 esc.	14,7	38,5	2,7	1100,0
5 a 9 esc.	7,8	266,7	18,0	176,9
10 a 19 esc.	62,3	213,3	52,1	220,0
20 ou + esc.	14,6	151,6	13,7	272,7
Total	20,0	144,8	5,2	219,9

Fontes: As mesmas da tabela 1.

Iniciando pelo agregado do contingente *crioulo* de Castro, sem referência às faixas de tamanho das escravarias, observa-se que o número de homens cresceu mais que o de mulheres (vinte contra 5,2%). Alguma migração interna de senhores de escravos deve responder por isso, pois não é provável que a reprodução endógena das escravarias produzisse tal resultado¹³. No entanto, o contingente africano cresceu muitíssimo mais rapidamente que a população escrava total da localidade. Como ficou visto, esta aumentou em cerca de um quarto no intervalo, ao passo que a população

¹³ Há elementos que reforçam essa percepção de que migrações internas de senhores explicavam os desempenhos diferenciados dos contingentes de crioulos e de crioulas. É de particular interesse o fato de que as maiores diferenças entre os ritmos de crescimento das populações crioulas masculina e feminina tenham ocorrido nas pequenas escravarias. Há indícios para áreas próximas no sentido de que um segmento extremamente fluido em termos de sua propensão a migrar povoava em proporções ainda difíceis de se conhecer as parcelas de menores posses dos senhores de escravos. Cf. LIMA, Carlos A. M. A posse de escravos em área de extrema pobreza (Guaratuba, 1782-1832). In: **IV Congresso de História Econômica e V Seminário Internacional de História de Empresas – Anais**. São Paulo: ABPHE, 2001. Há análises importantes sobre senhores de escravos migrantes em MOTTA, José Flávio e NOZOE, Nelson. MOTTA, José Flávio e NOZOE, Nelson. Cafeicultura e acumulação. In: **Estudos econômicos**. v. 24, n. 2, maio-agosto/1994. Por outro lado, Horacio Gutiérrez mostrou com segurança, em relação ao intervalo 1803-1806, que proprietários do atual Paraná adquiriam escravos provavelmente crioulos também em áreas mais ao Norte, embora dentro da província de São Paulo. Cf. GUTIÉRREZ, Horácio. Crioulos e africanos no Paraná, 1798-1830. In: **Revista Brasileira de História**. v. 8, n. 16, março-agosto/1988.

africana e masculina de Castro multiplicou-se por duas vezes e meia nos onze anos considerados. Ainda mais surpreendente é a circunstância do contingente feminino africano local se ter multiplicado por pouco mais que três¹⁴.

Guardadas as proporções, isso constitui sinal de forte acesso ao mercado de africanos no início da década de 1830, exatamente, como foi visto, em um momento de forte retração dos desembarques negreiros no Brasil em seu conjunto, mas também nos portos ao Sul da Bahia, de acordo com a classificação usada por Eltis e por Klein. Mas o dado agora tratado também permite que se olhe para algumas especificidades da demanda local no intervalo.

Resumindo o que se viu antes, tem-se, quanto aos homens: o ritmo de crescimento do número de homens africanos foi sete vezes mais rápido que o do crescimento do número de homens crioulos. Já em relação às mulheres o ritmo de incremento do número de africanas foi quarenta vezes maior que a taxa de crescimento do número de crioulas. De um modo geral, o número de crioulos crescia mais que o de crioulas, mas o de africanas aumentava a passos significativamente mais largos que o de africanos.

Vários elementos ressaltam dessa dinâmica. Uma demanda exacerbada por homens africanos ou crioulos é algo que se entende perfeitamente e que se atribui tranqüilamente ao mercado, à necessidade de força de trabalho com finalidades produtivas. Uma demanda por mulheres também não é incompreensível, vistos os desenvolvimentos recentes da historiografia da escravidão¹⁵. Estes desenvolvimentos preparar-nos-iam para esperar observar, em um momento de forte tendência à crise na oferta de cativos, que aumentasse uma demanda por ventres escravos. Mas, até o momento, as afirmações disponíveis entre historiadores levar-nos-iam a esperar uma demanda forte por crioulas, e não por africanas. Mas é exatamente uma exacerbada fome por mulheres africanas aquilo que a fonte nos está indicando. Crioulos eram mais caros que africanos, sistematicamente, e assim pode ser que os senhores de escravos de Castro tenham tentado enfrentar constrangimentos da oferta com ventres, e, mais que

¹⁴ Entre uma data e outra, a razão de masculinidade da população africana de Castro baixou de 235 para 181.

¹⁵ Vide a respeito MOTTA, José Flávio. **Corpos escravos, vontades livres**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 1999; LIBBY, Douglas e PAIVA, Clotilde. Caminhos alternativos: escravidão e reprodução em Minas Gerais no século XIX. In: **Estudos Econômicos**. v. 25, n. 2, 1995; SLENES, Robert. **Na senzala uma flor**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999; FLORENTINO, Manolo e GÓES, José Roberto. **A paz das senzalas**. Rio de Janeiro:

isso, com os ventres mais baratos. De outro lado, isso serve para nos deixar alertas para que tráfico e reprodução natural das escravarias nem sempre foram mecanismos alternativos ou excludentes para o crescimento das escravarias no Brasil do século XIX¹⁶. As expectativas senhoriais em relação a ambos podiam conjugar-se localmente, exprimindo-se em uma importação forte de africanas. A prática deve ter desmentido parte destas expectativas, pois há muitos indícios de que africanas tendiam a ter menos filhos que crioulas nas Américas, basicamente pelo fato de que, trazidas adultas da África, lá deixavam uma parte de seu período fértil¹⁷. Mas a sugestão a reter é a de que buscava-se conjugar duas perspectivas, quais sejam as de adquirir mais homens nascidos no Brasil e ao mesmo tempo buscar expandir o grau em que se lograva reprodução natural das escravarias. Como a primeira perspectiva exigia muito dos poucos recursos disponíveis nessa área não exportadora (e exigia-os cada vez mais), era a segunda que tinha de adaptar-se às circunstâncias. Em outras palavras, para que se pudesse adquirir mais dos homens mais produtivos e ainda assim expandir a presença de mulheres férteis, era preciso que aquelas mulheres fossem das mais baratas¹⁸.

Além do mais, é necessário considerar que inferências como esta permitem repensar alguma coisa sobre os mecanismos inscritos na reprodução endógena das escravarias. Os dados de Horácio Gutiérrez e de Francisco Vidal Luna¹⁹, mostraram com clareza ter sido muito provável aquela forma de reprodução. Mas as dúvidas são muitas ainda sobre aquilo que seria capaz de explicá-la, pois ela pode ter resultado tanto de uma dinâmica intrínseca das populações escravas de que se tratasse, quanto de

Civilização Brasileira, 1997 e MARCONDES, Renato Leite. **A arte de acumular na economia cafeeira**. Lorena: Stiliano, 1998, pp. 137ss.

¹⁶ Sobre este debate, vide MARTINS, Roberto Borges. Minas e o tráfico de escravos no século XIX, outra vez. In: SZMRECSÁNYI, Tamás e LAPA, José Roberto do Amaral (org.). **História Econômica da Independência e do Império**. São Paulo: HUCITEC/FAPESP/ABPHE, 1996; PAIVA, Clotilde e GODOY, Marcelo M. Território de contrastes: Economia e sociedade das Minas Gerais do século XIX. In: SILVA, Francisco C. T. da, MATTOS, Hebe M. e FRAGOSO, João (org.). **Escritos sobre História e Educação**. Homenagem a Maria Yedda Leite Linhares. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2001.

¹⁷ Cf. KLEIN, Herbert. **A escravidão africana**. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 167.

¹⁸ Os dados de Florentino sobre preços de escravos (12 a 55 anos de idade) no Rio de Janeiro a partir das avaliações em inventários *post mortem* mostram que, em 1830, os homens crioulos eram os mais caros, seguidos, nessa ordem, por homens africanos, mulheres crioulas e mulheres africanas. De fato, os preços de homens africanos e de mulheres crioulas eram muito parecidos. As grandes diferenças apareciam entre os preços de homens crioulos e de mulheres africanas. Aqueles tendiam custar 30% mais que estas últimas. Cf. FLORENTINO. **Em costas negras**. Obra citada, p. 220.

cálculos senhoriais²⁰. Neste trabalho, estou lidando com a hipótese de que tenha se manifestado, em áreas não-exportadoras como Castro e Curitiba, uma certa fome por mulheres em idades férteis. Mas trata-se, aparentemente, de uma demanda forte por africanas, e isso constitui uma pista na direção de que estava interferindo mesmo uma *expectativa* de reprodução endógena, pois se entrevê uma expansão da disponibilidade de ventres sem relação com mecanismos demográficos incontroláveis. Ao contrário, aparenta ter ocorrido uma reestruturação deliberada da composição por sexo da parcela adulta das escravarias.

Acrescente-se, para aumentar as nossas surpresas, que a área era abastecida a partir da África Centro-Ocidental e, segundo David Eltis e Paul Lovejoy, essa região era caracterizada por reter suas mulheres, enfatizando as exportações de homens, em grau mais elevado que a África Ocidental²¹. Isso só aumenta a segurança quanto à circunstância de que mudanças na demanda local explicam alterações na posição das africanas no mercado de escravos. O próprio David Eltis, é verdade, levantou indícios de que, entre 1826 e 1835, a participação feminina entre os adultos traficados para o Brasil aumentou ligeiramente²². O movimento não parece ter tido fôlego suficiente para modificar as populações escravas rural e urbana no Rio de Janeiro da primeira metade da década de 1830, de acordo com os dados de Florentino²³. Em Castro, estas transformações nos padrões angolanos foram bastante sentidas.

E não só em Castro. Próximo dali, em Curitiba, um exame dos assentos de batismo de escravos adultos (muito provavelmente recém-importados) mostra ter havido movimentação semelhante. A primeira metade da década de 1830, conforme foi visto, presenciou uma queda momentânea nos volumes de desembarques. Em Curitiba, o movimento anual de batismos de escravos adultos passou de 13 em 1830 e para 18 em 1831, caindo nos anos seguintes para 5, 3 e 2 em 1832, 1833 e 1834, respectivamente. Não vale a pena comparar estes números com os dos anos anteriores, pois na década de

¹⁹ GUTIÉRREZ. Demografia escrava. Obra citada. LUNA, Francisco Vidal. Casamentos de escravos em São Paulo: 1776-1804, 1829. In: NADALIN, MARCÍLIO, BALHANA (org.). **História e população**. São Paulo: SEADE, 1990.

²⁰ Renato Pinto Venâncio, no título de um artigo seu a respeito de Minas Gerais, parece não descartar a intencionalidade senhorial. Cf. VENÂNCIO, Renato Pinto. A riqueza do senhor: crianças escravas em Minas Gerais do séc. XIX. In: **Estudos Afro-asiáticos**. n. 21, 1991.

²¹ Cf. ELTIS, David. **Economic growth**. Obra citada, p. 258; LOVEJOY, Paul. **A escravidão na África: uma História de suas transformações**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, pp. 112, 114.

²² Cf. ELTIS, David. **Economic growth**. Obra citada, p. 257.

²³ Cf. FLORENTINO. **Em costas negras**. Obra citada, p. 272.

1820 estes números eram muitíssimo mais baixos ainda, o que se devia certamente a que os escravos mandados para o Brasil eram batizados em Angola²⁴. Mas em 1830-1834, a composição por sexo das chegadas de escravos novos em Curitiba aproxima seu caso do que se viu quanto a Castro. No total foram 13 homens e 28 mulheres²⁵. Mais de duas mulheres para cada homem, portanto. Por inseguro que seja inferir alguma coisa sobre importações de escravos a partir de registros de batismo de adultos (eles podem ter sido batizados em Angola, ou nos portos de desembarque ou mesmo em outros locais), o paralelismo destes dados com aquilo que se observa em Castro dá muito o que pensar.

Foi observada coisa semelhante no Rio de Janeiro, também a partir de registros de batismo de adultos. José Roberto Góes notou que, em 1833 e 1834, a composição por sexo dos adultos batizados na freguesia de Inhaúma aproximou-se da igualdade, movimento revertido na segunda metade da década, mas que vinha tendendo a acontecer desde 1825²⁶. Segundo Mary Karasch, por outro lado, as estimativas da distribuição por sexo dos africanos importados para o Rio de Janeiro em 1836 indicam uma razão de masculinidade de muito pouco acima de cem, em um quadro parecido ao descrito por Góes quanto a Inhaúma. Já as estimativas que ela reproduz para 1852 indicam o retorno ao esquema normal de quase dois homens para cada mulher, além do fato de que os dados que ela própria estabeleceu para o tráfico do intervalo 1838-1852

²⁴ Roquinaldo do Amaral Ferreira sugere que uma das primeiras reações à proibição do tráfico de escravos para o Brasil do início da década de 1830 foi uma maior concentração dos embarques em áreas ao Norte de Luanda. Cf. FERREIRA, Roquinaldo do Amaral. O significado e os métodos do tráfico ilegal de africanos na Costa Ocidental da África, 1830-1860. In: **Cadernos do Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa em História Social**. n. 2, 1995, pp. 55-6. Isso pode explicar uma expansão do número de batismos de escravos adultos no Brasil no início da mesma década, pois os novos pontos de embarque, ao Norte de Luanda, não eram servidos por religiosos, ao menos não no período do século XIX de que se trata aqui. Ver, sobre isso, GABRIEL, D. Manuel Nunes. **Padrões da fé**. Igrejas antigas de Angola. Luanda: Arquidiocese de Luanda, 1981, p. 35. Sobre os mecanismos inscritos no lado angolano do tráfico, no que toca aos traficantes que aprovisionavam o Brasil até 1830, vide MILLER, Joseph. **Way of death**. Madison: The University of Wisconsin Press, 1988, cap. 6.

²⁵ Distribuídos do modo seguinte:

ano	Adultos do sexo masculino batizados	Adultos batizados do sexo feminino
1830	5	8
1831	5	13
1832	3	2
1833	-	3
1834	-	2
total	13	28

Fonte: Catedral Basílica Menor de Curitiba. **Batizados de escravos, 1830-1834**.

²⁶ Cf. GÓES, José Roberto. **O cativo imperfeito**. Vitória: Lineart, 1993, p. 71.

indicam um pouco mais de três homens importados para cada mulher²⁷. Assim, Karasch também dá margem a que se pense em um padrão diferenciado, quanto a sua composição por sexo, do tráfico de escravos para o Centro-Sul brasileiro no início da década de 1830. Mas o equilíbrio das participações de cada sexo entre os traficados é muito influenciado pela idade nos dados de Karasch²⁸. Há quase igualdade no tocante a crianças, mas não entre aqueles com quinze ou mais anos²⁹.

É interessante quanto a isso observar a evolução da participação das mulheres africanas com entre 15 e 39 anos de idade no contingente total de escravos de Castro. Em 1824, elas eram 1,8% do total, mas em 1835 haviam passado a ser 5% de todos os cativos iapoenses. Vale dizer que, em 1824, era preciso passar por mais que cinquenta escravos para encontrar uma africana em idade plenamente fértil. Em 1835, as africanas com entre 15 e 39 anos de idade eram um vigésimo de todos os cativos de Castro. No caminho, diminuíram as diferenças entre os contingentes africanos feminino e masculino. Os homens africanos com idades entre 15 e 39 anos passaram de 4,1% a 9,2% do total dos escravos iapoenses entre 1824 e 1835. A participação masculina, africana e com idades entre 15 e 39 anos pouco mais que dobrou entre uma data e outra. No entanto, a presença relativa feminina, também africana e da mesma faixa etária, quase triplicou (de 1,8% para 5%).

Há lições a retirar também das formas assumidas por este tipo de fenômeno segundo o tamanho das propriedades. O número absoluto de crioulos de ambos os sexos detidos por pequenos senhores (1 a 2 escravos) reduziu-se francamente, tendo a redução do número de crioulas sido muito mais dramática que a de crioulos. Acima disso, mas à exceção das grandes escravarias de Castro (vinte ou mais cativos), quanto maior o tamanho da propriedade, tanto maior o ritmo de crescimento da população crioula. Tudo isso condiz com a apreensão freqüente na historiografia de que, quanto maior a escravaria, tanto maior a tendência à reprodução endógena das escravarias. Mas o fato de que as taxas de crescimentos dos números de homens e mulheres nascidos no Brasil tenham sido diferentes (sobretudo nas faixas de 3 ou 4 e de 10 a 19 cativos) indicam que alguma intencionalidade senhorial, para além da (quanto a isso) não-monitorável reprodução endógena, interferia no processo. Além do mais, não era nada que se

²⁷ Ver a respeito KARASCH, Mary. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000, p. 72.

²⁸ David Eltis identificou tendência a que mais crianças fossem traficadas na direção da América a partir de 1810. Cf. ELTIS. **Economic growth**. Obra citada, pp. 131-2.

²⁹ Cf. KARASH. Obra citada, pp. 70-74.

comparasse ao passo do incremento do contingente de africanos de ambos os sexos, com especial ênfase para a população africana do sexo feminino.

Quanto aos nascidos no Velho Mundo, mesmo as ínfimas escravarias conseguiram expandir o grau em que os detinham. Nesse caso, provavelmente uma oferta diferente de africanos pode ter mesmo originado uma série de escravarias. De certo modo, isso confirma a hipótese de que as alterações ocorridas nos padrões da oferta de africanos facilitaram o acesso a africanos em locais como o Paraná. Além do mais, há indícios de que os preços pagos no litoral africano reduziram-se na primeira metade da década de 1830³⁰. Para áreas como Castro, assim, os resultados da primeira proibição do tráfico parecem ter sido extremamente ambíguos: um constrangimento de grandes dimensões na oferta de africanos – o impacto da primeira proibição – tornou-a periclitante, mas isso se traduziu em um certo declínio nos preços pagos na costa africana, pois o grande cliente dos traficantes que operavam a partir de Angola – o Centro-Sul brasileiro – ameaçava sair do circuito. É provável que o redirecionamento das ênfases em portos imperiais do ponto de vista do tráfico tenha se combinado com reduções dos preços pagos na África, levando ao franqueamento do acesso à posse de africanos em áreas onde isso até então fora mais problemático. Em Castro, isso pode ter, inclusive, permitido que várias pessoas se tornassem senhores de escravos, levando à mobilidade gente que, de outro modo, talvez não tivesse fôlego para dar este passo. Tudo se teria exprimido no fato de que as ínfimas posses contendo apenas africanos se tornaram em 1835 muito mais comuns do que haviam sido em 1824.

Outra inferência importante a fazer-se a partir da tabela 4 é a de que as maiores taxas de incremento da população africana feminina ficaram por conta das menores escravarias, tendo o fenômeno sido típico entre aqueles que tinham menos que cinco, embora mais que um escravo. Isso foi diferente do desempenho dos senhores iapoenses na aquisição de africanos homens, aquisição esta liderada por pessoas que em 1835 se achavam na faixa de posse de entre 5 e 9 cativos. No caso desta faixa de posse, aliás, tudo movimentou-se de modo diferente da maioria. O número de crioulas aumentou mais que o de crioulos. O de africanos, mais que o de africanas.

É necessário avançar mais na direção de respostas sobre o que explicava os diferentes desempenhos dos contingentes masculino e feminino dos africanos. Para isso,

³⁰ Cf. ELTIS. **Economic growth**. Obra citada, p. 263; LOVEJOY, Paul e RICHARDSON, David. *British Abolition and its impact on slave prices along the Atlantic Coast of Africa, 1783-*

elaborei a tabela 5, que mostra os números de africanos e africanas presentes em 1824 e 1835, mas que direciona o foco tão somente para aqueles com idades entre 15 e 19 anos e para os com 20 a 24 anos de idade. O que se quer é olhar separadamente para aqueles que, com forte probabilidade, tinham acabado de ser importados.

Tabela 5: Números absolutos de homens e mulheres africanos com idades entre 15 e 19 anos e entre 20 e 24 anos em Castro (1824-1835)

Africanos, 15 a 19 anos				
	1824		1835	
	Nº de africanos homens (15 a 19 anos)	Nº de africanas (15 a 19 anos)	Nº de africanos homens (15 a 19 anos)	Nº de africanas (15 a 19 anos)
1 a 2 esc.	1	2	5	1
3 a 4 esc.	1	-	3	5
5 a 9 esc.	3	3	9	4
10 a 19 esc.	3	-	5	3
20 ou + esc.	5	1	7	9
Total	13	6	29	22
Africanos, 20 a 24 anos				
	1824		1835	
	Nº de africanos homens (20 a 24 anos)	Nº de africanas (20 a 24 anos)	Nº de africanos homens (20 a 24 anos)	Nº de africanas (20 a 24 anos)
1 a 2 esc.	1	2	3	4
3 a 4 esc.	4	-	5	3
5 a 9 esc.	4	3	10	13
10 a 19 esc.	5	3	17	2
20 ou + esc.	4	1	23	8
Total	18	9	58	30

Fontes: As mesmas da tabela 1.

A primeira observação a fazer-se a partir dos dados da tabela 5 diz respeito ao tamanho do contingente africano nas duas faixas etárias. O número de africanos com idades entre 15 e 19 anos cresceu em 168% entre 1824 e 1835. Já o das pessoas com 20 a 24 anos de idade aumentou 226%. Tudo condiz com a hipótese de que uma ressurgência das aquisições de africanos aconteceu em Castro durante a primeira metade da década de 1830, a julgar pelas idades das pessoas que estão sendo contadas.

A segunda liga-se à variação ocorrida nas proporções entre os números de homens e mulheres. No tocante ao pessoal com idades entre 20 e 24 anos, não houve alteração digna de nota. Mas ocorreu brutal modificação na composição dos grupos de idade com idades entre 15 e 19 anos. Nesse caso, a situação de 1824 era a de que havia seis ou sete rapazes para cada grupo de três moças africanas. A de 1835 era bastante diferente: quatro rapazes para cada agregado de três mulheres. Caso se concorde que esta última faixa etária dá uma imagem ainda mais fiel das aquisições de africanos recém-feitas, não se pode negar que o padrão daquelas compras mudou muito.

Assim, as parcelas masculina e feminina do contingente crioulo de Castro tiveram desempenhos diferentes durante o intervalo 1824-1835. A tendência foi de aumento maior do número de crioulos, em confronto com o acréscimo do contingente de escravas nascidas no Brasil. Foi sugerido que isso se deveu a migrações de senhores, trazendo seus escravos, pois isso não é consistente com a hipótese de um crescimento natural da população escrava operacionalizado no local, o que conduziria a um maior equivalência numérica dos sexos e portanto a taxas semelhantes de crescimento dos contingentes masculino e feminino. É plausível buscar mais evidência na direção desta possibilidade atentando para as razões de masculinidade da população crioula. É o que se faz com os dados da tabela 6.

Tabela 6: Razões de masculinidade da população escrava, de acordo com a procedência e com as faixas de tamanho das escravarias (Castro, 1824-1835)

	Razão de masculinidade dos escravos africanos		Razão de masculinidade dos escravos crioulos	
	1824	1835	1824	1835
1 a 2 esc.	185,7	115,4	69,2	84,6
3 a 4 esc.	1300,00*	150,0	93,2	105,2
5 a 9 esc.	115,4	152,8	84,7	110,6
10 a 19 esc.	300,0	293,8	110,0	120,8
20 ou + esc.	281,8	190,2	117,1	118,0
Total	235,1	180,5	98,4	112,3

* Este valor se explica pelo fato de só haver uma mulher africana neste ano nesta faixa de tamanho de escravaria.

Fontes: As mesmas da tabela 1.

De fato, a razão de masculinidade tendeu a aumentar no que toca aos crioulos. O grupo nascido no Brasil transitou de um ligeiro predomínio feminino para um também ligeiro predomínio masculino. Mesmo na faixa na qual as mulheres continuaram a ser mais numerosas (1 ou 2 escravos) a diferença numérica entre os contingentes de ambos

os sexos reduziu-se significativamente. Neste caso, isto é, naquele dos nascidos no Brasil, a razão de masculinidade é influenciada pela presença de crianças. Caso as eliminemos do cálculo, no entanto, as constatações permanecem semelhantes. A razão de masculinidade da população crioula com mais de 14 anos de idade passou de 102,5 em 1824, para 111,2 em 1835 (todas as faixas de tamanho das escravarias). Esse movimento só não se exprimiu mais dramaticamente nos números porque ele, na verdade, afetou pouco as grandes escravarias de Castro. Elas foram tocadas pela mudança no padrão das aquisições de africanos (onde, lembro, as mulheres ganharam um papel mais destacado), mas não na retenção de crioulos, onde tudo permaneceu como havia sido em 1824.

Por outro lado, e em acordo a discussões feitas mais acima, a razão de sexo dos africanos caiu significativamente em quase todas as faixas de tamanho das escravarias. As exceções foram a de 5 a 9 cativos, onde aumentou a participação masculina, e a de 10 a 19 cativos, que mostrou relativa estabilidade. Não deve ter passado despercebido que a faixa de tamanho das escravarias que congregava os que tinham entre 5 e 9 cativos apresentou regularidades em 1835 que a diferenciavam das outras. Além de, aparentemente, não ter sido tocada pelo movimento mais intenso de aquisição de mulheres africanas, tendo, inversamente, sido montada em compras fortes de africanos, foi ela que apresentou movimentos mais bruscos na taxa de africanidade e no tocante à variação no sentido de maiores razões de sexo.

Assim, retomando a discussão, os padrões inscritos no crescimento da população escrava de Castro entre 1824 e 1835 assumiram facetas que conduzem à revisão de concepções que pareciam universalmente válidas. A expansão das compras de africanos, além de ocorrer em momento que parecia inadequado, tiveram um perfil diferenciado quanto ao sexo dos cativos. Já a expansão do número de crioulos, além de não ter sido causada apenas por reprodução natural, foi marcada pela masculinização, por assim dizer, da parcela da população escrava nascida no Brasil.

De certo modo, tudo se passou como se os parques capitais disponíveis em Castro tivessem sido direcionados para a força de trabalho de uso imediato mais cara – crioulos homens. Mas não se descuidou de providenciar alguma expansão na capacidade de geração de escravos por reprodução natural, adquirindo-se mulheres. Quanto a isso, as ênfases mudaram: a razão de masculinidade das escravarias teve algum aumento (distanciando um pouco as escravarias de Castro do padrão discutido por Gutiérrez), de modo a deixar de existir igualdade numérica, passando-se à situação de seis homens

para cada cinco mulheres; além disso, concentrados os recursos na aquisição e/ou manutenção da posse de homens crioulos, os investimentos destinados a garantir alguma reprodução natural tiveram que dirigir-se para os ventres mais baratos – mulheres africanas.

O curioso é que, apesar do aumento na proporção de africanos e nas razões de masculinidade, não se alterou muito a participação de crianças (0 a 14 anos) na população escrava. Só se notam mudanças quando se isolam as menores escravarias: nos plantéis com um ou dois escravos, permaneceu a participação percentual, mas diminuiu em termos absolutos a quantidade de crianças; nas escravarias com três ou quatro mancipios, houve queda do número absoluto e da participação dos infantes na população.

No entanto, somente nas escravarias com dez ou mais cativos a perseverança da participação de crianças se fez acompanhar de aumento da razão criança/mulher, isto é, do número de crianças com idades entre 0 e 4 anos dividido pelo total de mulheres com idades entre 15 e 39 anos.

Tabela 7: Participação de crianças nas escravarias, número de crianças (0 a 4 anos) por mulher (15 a 39 anos) e idade média das mulheres com idades entre 15 e 39 anos, por faixa de tamanho das posses (Castro, 1824-1835)

	Nº de crianças (0 a 14 anos) por faixa de tamanho das escravarias		% de crianças (0-14) por faixa de tamanho das escravarias	
	1824	1835	1824	1835
1 a 2 esc.	40	38	30,8	31,2
3 a 4 esc.	68	62	43,3	34,3
5 a 9 esc.	140	150	38,5	37,0
10 a 19 esc.	78	131	35,5	34,7
20 ou + esc.	183	258	37,6	41,2
Total	509	639	37,5	37,3
	Razão criança/mulher		Idade média das mulheres com entre 15 e 39 anos	
	1824	1835	1824	1835
1 a 2 esc.	0,314	0,286	22,6	22,5
3 a 4 esc.	0,647	0,292	25,9	24,4
5 a 9 esc.	0,523	0,533	25,7	24,3
10 a 19 esc.	0,510	0,658	25,0	25,4
20 ou + esc.	0,449	0,786	24,1	25,5
Total	0,488	0,589	24,8	24,8

Obs: Na lista de 1835 havia três escravos cujas idades não foram informadas.

Fontes: As mesmas da tabela 1.

Os dados sobre fecundidade das escravas informam a respeito de processos com muitos condicionamentos, da própria relação com o tráfico (que inclui no denominador mulheres africanas que deixaram uma parte de seus períodos férteis em seu continente de origem³¹) às condições de vida (que não necessariamente pioraram entre 1824 e 1835, à medida que a expansão permaneceu na órbita da pecuária, de sazonalidade favorável, dentro dos limites de uma sociedade escravista, aos escravos³²), passando por possíveis estratégias senhoriais na direção da acumulação de escravos crioulos. Por outro lado, os dados sobre o ritmo de crescimento da população africana de sexo masculino dão acesso a estratégias na direção de acréscimos muito imediatos de força de trabalho.

Acima, leu-se que as faixas de tamanho de posse que mais se responsabilizaram pelo mecanismo de acumulação mais imediatista (aumento do número de homens africanos importados) foram aquelas de entre 5 e 19 cativos, notando-se aumento também grande, mas muitíssimo menos pronunciado, no número de africanos homens inseridos nas escravarias de 20 ou mais escravos. Já em relação à acumulação de crioulos pela via da fecundidade das escravas, o cômputo mostra que uma ênfase muito grande foi atribuída a isso no âmbito das maiores escravarias. Estas não necessariamente mostravam, em 1824, as maiores razões criança/mulher. Mas faziam-no, e com folga, em 1835. Fica a sugestão de que os plantéis médios aumentaram sua dependência em relação ao tráfico, ao passo que as maiores escravarias a diminuiram.

Quando se retiram da observação as escravarias com menos que três cativos, notam-se algumas tendências interessantes. Em 1824, quanto maior a escravaria, menor a fecundidade das escravas. Já em 1835, quanto maior a escravaria, maior a fecundidade. Creio que isso condiz com a hipótese de que se estava corrigindo deliberadamente a composição das escravarias na direção de propiciar condições para mais intensa reprodução endógena: as maiores escravarias tinham mais condições de fazê-lo. Mas não se deve esquecer, por outro lado, que o aumento da quantidade de

³¹ Cf. KLEIN, Herbert. **A escravidão africana**. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 167.

³² Segundo minha leitura, Berlin dá muita ênfase ao ciclo agrário na definição do impacto de atividades econômicas sobre o regime de existência dos cativos, talvez mais que a inferências feitas a partir da dureza comparativa do trabalho em cada especialização. Cf. BERLIN, Ira. Time, space and the evolution of Afro-American Society in British Mainland North America. In: **The American Historical Review**. v. 85, n. 1, 1980 e BERLIN, Ira e MORGAN, Philip D. Labor and the shaping of slave life in the Americas. In: BERLIN e MORGAN (ed.). **Cultivation and culture**. Charlottesville: University Press of Virginia, 1993. Sobre sazonalidade na pecuária de Castro, vejam-se GUTIÉRREZ, Horácio. **Senhores e escravos no Paraná, 1800-1830**. São Paulo: FEA/USP, 1986 (Dissertação de Mestrado) e SAINT-

crianças pequenas por mulher guardou alguma relação com o fato de que a média de idade das mulheres mais férteis (15 a 39 anos) caiu ligeiramente nas menores escravarias, ao mesmo tempo que aumentou, também ligeiramente, nas maiores. É evidente que mulheres que houvessem passado mais tempo em seus períodos férteis tendiam a já ter tido mais rebentos. Ainda assim, a queda da razão criança/mulher nas menores escravarias foi pronunciada, assim como foi grande o aumento da mesma razão nos maiores plantéis.

De fato, ao observar os dados da tabela 8, que traz a distribuição das mulheres com idades entre 15 e 39 anos por faixas de tamanho das escravarias, percebe-se ter havido uma tendência leve a que as maiores escravarias aumentassem o grau em que concentravam as escravas mais aptas a ter filhos. É verdade que a posse de escravas férteis era menos concentrada, tanto em 1824 quanto em 1835, que o conjunto dos escravos (vide a respeito a tabela 1). Mas de alguma maneira interferia nesse último indicador (a concentração do conjunto dos escravos) a presença dos filhos tidos pelas mulheres férteis.

Tabela 8: Distribuição (%) das mulheres (15-39 anos) por faixas de tamanho das escravarias (Castro, 1824-1835)

	1824	1835
1 a 2 esc.	11,9	9,4
3 a 4 esc.	11,6	12,9
5 a 9 esc.	29,4	24,2
10 a 19 esc.	16,7	19,6
20 ou + esc.	30,4	33,9
Total (n. absoluto)	293	372

Fontes: As mesmas da tabela 1.

Deve-se, então, acrescentar algo à constatação de que aumentou, em 1835, a fecundidade das escravas nos maiores plantéis: cresceu paralelamente a capacidade das maiores escravarias de reter estas mesmas mulheres que vinham tendo sua fecundidade aumentada.

É, então, de se indagar o quanto isso afetou as relações familiares. Tudo indica, como foi visto, ter crescido entre 1824 e 1835 a ênfase posta pelos senhores na reprodução endógena das escravarias. Por outro lado, a historiografia produziu bons indícios de que o estado conjugal tinha impactos positivos sobre a fecundidade das

escravas no Brasil³³. É de se ver, portanto, como ficou o acesso dos escravos à condição de casado entre uma data e outra. Para tanto, construí a tabela 9, informando a proporção dos alguma vez casados para ambos os sexos. Novamente, precisou-se separar os casos conforme as faixas de tamanho das escravarias, mas uma outra necessidade teve que ser contemplada: possíveis diferenças quanto à distribuição por idades das escravarias entre uma data e outra poderiam afetar as informações³⁴, de modo que foi preciso calcular as percentagens de casados levando em conta tão somente os cativos com idades entre 20 e 29 anos, aqueles da casa dos trinta anos, o conjunto dos escravos com quinze ou mais anos (para permitir comparações) e o conjunto dos cativos com dez ou mais anos (a fim de permitir comparações com os dados presentes em estudos sobre o Paraná³⁵).

Caso se atente para as percentagens de casados entre os cativos com dez ou mais anos, será notada uma situação ligeiramente diferente, já em 1824, da descrita por Costa e Gutiérrez para o conjunto do Paraná em 1830. Eles identificaram que cerca de vinte por cento dos cativos no conjunto do Paraná naquele ano eram casados ou viúvos³⁶. Os dados de Castro em 1824 indicam uma participação maior dos alguma vez casados, o que provavelmente se deve a que as maiores escravarias do Paraná se encontravam exatamente ali, de modo que elas afetavam mais os dados da localidade que os do conjunto daquilo que viria a ser a província. De qualquer maneira, tudo tendeu a manter-se em 1835, quando se considera o conjunto das escravarias.

Entre 1824 e 1835, operou uma tendência a que a participação dos escravos casados ou viúvos entre os de suas faixas etárias se reduzisse levemente entre as menores escravarias, aumentando também levemente entre as maiores.

³³ Florentino e Góes, por exemplo, compararam mães solteiras e casadas com até 29 e até 30 anos quanto ao número de filhos que cada tipo havia tido. Fizeram-no para o Rio de Janeiro e no tocante a três intervalos. Em dois deles, um dos quais o de maior número de casos, havia substancial diferença em favor das mães casadas. Cf. FLORENTINO e GÓES. **A paz das senzalas**. Obra citada, p. 235.

³⁴ Diante disso inseri, em apêndice, um gráfico com a distribuição por idades de homens e mulheres em Castro em 1824 e 1835. Note-se que a fonte não informou as idades de dois homens e de duas mulheres de 1835. Observe-se a distorção das idades, normal neste tipo de fonte, expressa no fato de que a alguns homens e mulheres foram atribuídas idades de cem anos.

³⁵ Refiro-me a COSTA, Iraci Del Nero da e GUTIÉRREZ, Horácio. Nota sobre o casamento de escravos em São Paulo e no Paraná (1830). In: **História: questões e debates**. ano5, n. 9, dezembro/1984, pp. 313-321.

³⁶ Cf. COSTA e GUTIÉRREZ. Nota sobre o casamento de escravos. Obra citada, pp. 316-319.

Considerações finais

Para expor sucintamente a imagem que resulta da análise dos dados sobre o incremento das aquisições de africanos em Castro na primeira metade da década de 1830, é preciso reconhecer que ela não afetou a maioria crioula estabelecida anteriormente. O negócio de vendê-los deve ter crescido muito: ele aparentemente triplicou, a julgar pela movimentação da taxa de africanidade das escravarias e pelo número absoluto de africanos – o que é muitíssimo frágil –, mas também pelos números absolutos de africanos com idades entre 15 e 24 anos – o que é apenas um pouco menos arriscado. Mas a capacidade de reprodução endógena das escravarias e os outros processos de incremento da população escrava (sobretudo a migração de senhores) diluíram os efeitos disso quanto a alterar significativamente o peso dos africanos na população escrava. É verdade que as aquisições de africanos parecem ter estado ligadas a tentativas de recompor os mecanismos de reprodução da população escrava daí para a frente. Mas estes mecanismos de reprodução produziram crioulos, evidentemente, sem contar os fatos de que as incorporações alargadas de africanas só puderam ter volumes modestos e de que a coisa toda teria fôlego curto, tendo em vista o que se sabe a partir dos dados de Eltis sobre o tráfico e das aquisições realizadas no Rio de Janeiro, de acordo com Karasch e Góes.

Tabela 9: Participação (%) dos alguma vez casados entre os escravos, segundo as faixas de tamanho das escravarias (Castro, 1824-1835)

	% alguma vez casados entre os com idades entre 20 e 29 anos		% alguma vez casados entre os com idades entre 30 e 39 anos	
	1824	1835	1824	1835
1 a 2 esc.	19,4	18,7	18,2	11,8
3 a 4 esc.	18,9	12,5	31,6	20,0
5 a 9 esc.	17,4	32,3	37,5	33,3
10 a 19 esc.	26,4	25,2	41,7	39,6
20 ou + esc.	40,6	45,2	62,0	65,1
Total	27,3	32,1	43,9	41,7
	% alguma vez casados entre os com 15 ou mais anos		% alguma vez casados entre os com 10 ou mais anos	
	1824	1835	1824	1835
1 a 2 esc.	18,9	15,5	15,4	12,6
3 a 4 esc.	21,3	13,4	17,1	11,0
5 a 9 esc.	25,0	27,7	21,1	23,6
10 a 19 esc.	31,7	33,2	27,9	29,2
20 ou + esc.	44,7	49,3	36,0	40,4
Total	32,2	33,9	26,6	28,4

Fontes: As mesmas da tabela 1.

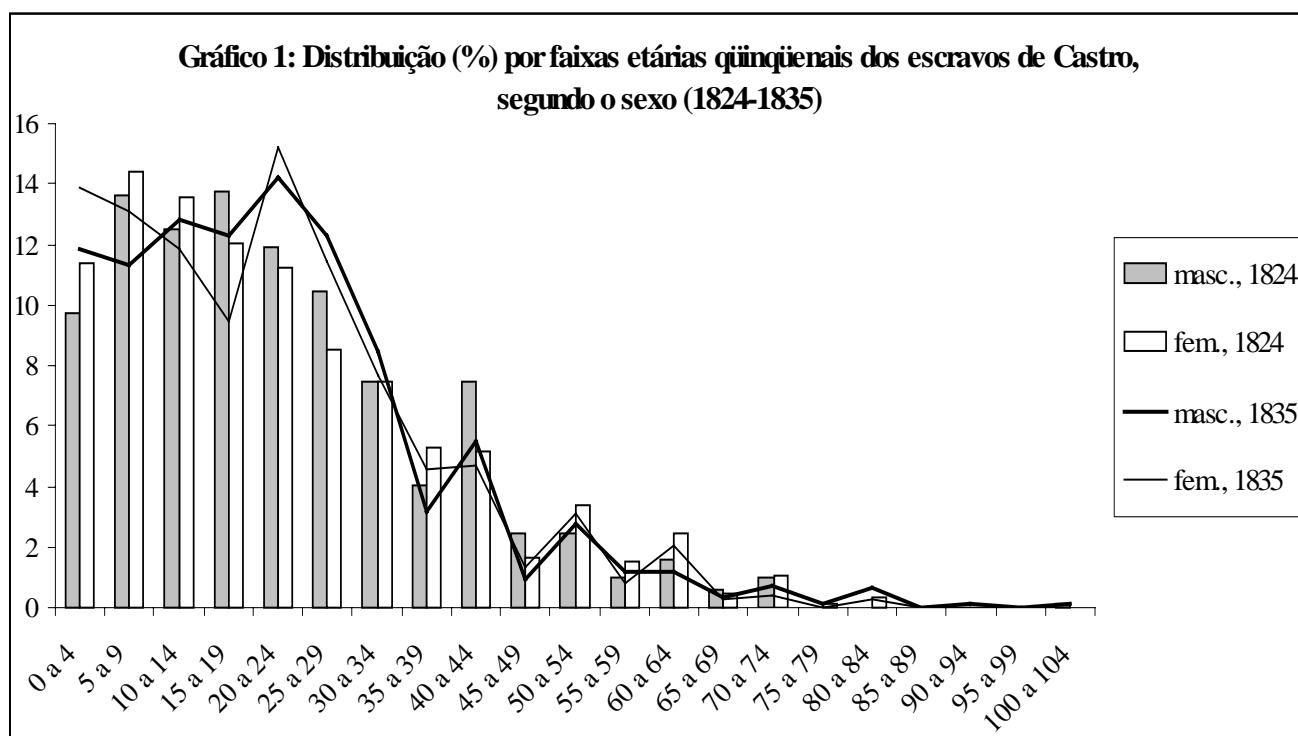
A esmagadora maioria crioula manteve-se década de 1830 adentro, preservando a imagem estabelecida por Horácio Gutiérrez, Francisco Vidal Luna e Iraci Costa para o Paraná do início do século. Mas algumas modificações ocorreram. A igualdade numérica entre os sexos foi abandonada (embora sem chegar a extremos açucareiros), e alguns dos mecanismos de reprodução das escravarias foram alterados (mais homens crioulos, redução de ênfase posta na posse de mulheres crioulas, recurso mais importante às mulheres africanas).

Houve alguma tendência a que os comportamentos respectivos dos senhores grandes e médios diferissem. Os grandes passaram a contar com mais mulheres (crioulas e africanas) férteis. Os médios, particularmente a nervosa faixa que congregava os proprietários de entre 5 e 9 cativos, recorreram mais ao tráfico, inclusive de homens.

Aparentemente, desvincularam-se mais, se é que já haviam estado vinculados, os mecanismos de mobilidade social e a reprodução endógena das escravarias. Os ínfimos plantéis perderam grande parte de sua já pequena capacidade de reter mulheres crioulas férteis (seguramente as de maior fecundidade). No entanto, fizeram, como todo mundo, a grande tentativa do intervalo, qual seja a de preparar-se para a reprodução endógena a partir de ventres africanos, provavelmente com pouco sucesso.

Alguns debates recentes da historiografia foram tocados pelas análises feitas aqui. Os efeitos da primeira proibição do tráfico atlântico não concentraram as posses escravas no mesmo grau em que isso ocorreu em virtude da proibição definitiva, ao menos não na década de 1830. Ainda assim, diferenciou os mecanismos de reprodução das escravarias conforme seus diferentes tamanhos, além de ter mudado o lugar conferido às aquisições de africanos e à reprodução endógena. As adaptações realizadas pelos senhores iapoenses deixaram, e com vivacidade, a sugestão de que situações de forte reprodução endógena das escravarias não operavam apenas a partir de regularidades demográficas que ninguém podia controlar. Antes, a situação de Castro em 1835 deixa entrever o dedo senhorial interferindo no processo, embora nem sempre com sucesso. Por fim, um ambiente comparativamente sólido de famílias escravas resistiu sem problemas, para dizer o mínimo, tanto a uma multiplicação do impacto do tráfico africano, quanto a uma intensificação da voracidade com que senhores buscavam interferir nas práticas escravas que implicassem reprodução, pelo menos durante a década de 1830.

Apêndice



Fontes: As mesmas da tabela 1.